

Internet, História e Esquecimento:
sobre pensar o passado escrito no universo virtual
Internet, History and Forgetting:
about the past written in the virtual universe

Sônia Meneses¹

Resumo: Este artigo pretende realizar uma discussão sobre problemas contemporâneos relacionados às relações entre história e mídia, destacando o papel desempenhado pela Internet na produção de memória e artefatos históricos no universo virtual. Ressalta-se assim, os paradoxos produzidos por uma espécie de “memo-história” distribuída nesse veículo sublinhando a dificuldade de selecionarmos diante do excesso de informação e os desafios de preservarmos o passado para o futuro. Em busca de uma chave de compreensão para problemas, realiza-se um diálogo com Paul Ricoeur e suas reflexões sobre os abusos de memória e esquecimento.

Palavras Chaves: História, Mídia, Esquecimento, Internet

Abstract: This paper intends to hold a discussion on contemporary issues related to the history and relationship between the media, highlighting the role of the Internet in the production of memory and historical artifacts in the virtual universe. It is emphasized so the paradoxes produced by a kind of "memo-story" underscores the difficulty we select face information overload and the challenges of preserving the past for the future. In search of a key to understanding problems, there will be a dialogue with Paul Ricoeur and his reflections on the abuse of memory and forgetting.

Keys work: History, Media, Forgetting, Internet

¹ Docente da Universidade Regional do Cariri-URCA. Doutora pela UFF. Realiza pesquisas sobre as relações de história e mídia, tempo presente, teoria da história, memória e contemporaneidade. Contato: sonia.urca@gmail.com

Introdução

“Uma memória sem esquecimento seria o último fantasma, a última representação dessa reflexão total que combatemos obstinadamente em todos os registros da hermenêutica da condição histórica?”².

Segundo a mitologia grega Lethe é uma divindade feminina, filha de *Eris* deusa Discórdia que descendia da linhagem da noite e tinha o dom de conceder esquecimento para aqueles que buscavam alívio de suas dores do passado. Mas Lethe era também o nome dado ao rio mágico do esquecimento, um dos cinco a correr no submundo do reino de Hades, ali onde todas as almas deveriam mergulhar para que lhes fosse dado a chance de uma nova vida com o apagamento de suas lembranças. Em Dante, o rio Lethe era também o último estágio para a saída do purgatório. Em suas águas os pecadores realizavam a purificação da alma, dessa maneira, poderiam subir ao paraíso. Par antagônico de Mnemosyne, deusa da memória e mãe de todas as musas, Lethe proporcionava equilíbrio entre o esquecer e o lembrar, o castigo e o perdão.

Lethe e Mnemosyne foram evocadas aqui como mote para pensarmos o tempo presente e a acelerada produção de vestígios histórico a partir de um circuito comunicacional e cultural cada vez mais complexo e variado, mas, principalmente para interrogarmos a face espetacular desse processo: o excesso de memória disponível através das mais variadas mídias e as implicações disso para a história e, conseqüentemente, para a preservação e passado.

Uma primeira constatação nesse trabalho é a de que nos deparamos com uma intrincada engenharia de produção de sentidos e signos que pressiona o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas, posto que, cada vez mais tecnologias são jogadas no mercado articulando uma rede de interdependência entre informação, educação e consumo.

² RICOEUR, Paul. RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007, 424.

Essa profusão de registros e narrativas com as quais os acontecimentos contemporâneos são apresentados nos alerta que a história, entendida como campo do conhecimento, apresenta-se como um espaço em travessias, lacerada por demandas inumeráveis, uma vez que se propaga a qualificação de “histórico” aos quatro ventos como se o passado fosse a chave de justificativa para as mais variadas ações em nosso dia a dia.

Atualmente, como, afirmou Walter Benjamin, ainda no começo desse processo, “fazer as coisas ‘ficarem mais próximas’ é uma das preocupações tão apaixonadas das massas modernas como a tendência de superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade”³. No momento em que a história pode ser apresentada a uma criança através de um jogo de computador é necessário que estejamos atentos àquilo que Certeau nos alertou: “antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela”⁴.

Diferentemente de outros momentos, em que o contato com os rastros do passado era limitado, como chamou atenção DUBY⁵ em sua bela narrativa sobre o Domingo de Bouvines, em virtude de “uma reserva de materiais cujo número é finito e que doravante já não é possível aumentar”, atualmente, a explosão de conteúdos produzida minuto a minuto da rede mundial de computadores demonstra exatamente a dificuldade seletiva sobre os materiais a serem utilizados na reflexão sobre o passado. Além disso, acrescenta-se outro elemento: a possibilidade de sua reprodução em imagens, sons e textos para uma audiência inesgotável.

Nessa perspectiva, proponho enfrentarmos um tema ainda bastante desconfortável para a maioria de nós historiadores: o papel da explosão informacional, em especial na produção e reprodução de rastros para os quais o tratamento do passado tem se apresentado como problema basilar, notadamente, quando levamos em consideração o surgimento de inúmeros periódicos, revistas, imagens e vídeos, dentre outros produtos, que estão disponíveis, por exemplo, apenas no universo virtual. Ou seja, proponho pensarmos a chamada era da convergência midiática como

³ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, 170.

⁴ CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, 76.

⁵ DUBY, Georges. O Domingo de Bouvines – 27 de julho de 1214. São Paulo, Paz e Terra. 1993, pág. 15.

problema para o campo da história posto que, boa parte desse material, antes em formatos analógicos⁶, agora se apresenta exclusivamente na Internet⁷.

Parte dessas informações nunca mais deixará o universo virtual, outra desaparecerá sem sequer deixar vestígios, tendo em vista, não existir na rede uma política de seleção ou armazenamento que diga o que deve permanecer ou desaparecer. Nos dois casos, o principal problema que se coloca é o da memória, e as apropriações do passado, mais precisamente, a dificuldade de encontrarmos o equilíbrio entre o que desaparecerá para sempre e o que será lembrando.

Internet: o passado presente. Fim do esquecimento?

“Such a notion of cyberspace has a strange resemblance to Saint Augustine’s conception of the mind of God—omniscient and infinite, because His knowledge extends everywhere, even beyond time and space.”⁸ (DARTON, 1999)

[Essa noção de cyberespaço tem uma estranha semelhança com a concepção de Santo Agostinho da mente de Deus, onisciente e infinito, porque seu conhecimento se estende por toda parte, até mesmo no tempo e no espaço].

Imagine que daqui para frente todo seu material de pesquisa estará disponível no universo virtual. Artefatos que por décadas, ou séculos nos acostumamos a visitar em arquivos, bibliotecas, videotecas repletas de raridades, hemerotecas empoeiradas. Tudo ali, diante de você na tela de um computador: periódicos, revistas, imagens, vídeos, entrevistas, visitas a

⁶ Analógico é usado aqui para se referir às plataformas sob as quais se assentavam as formas tradicionais de armazenamento de informação como o papel, fitas magnéticas, fotografias impressas, etc.

⁷ Muitos jornais impressos tradicionais, em virtude dos altos custos de produção e da concorrência com jornais digitais tem deixado de circular. Um exemplo recente disso é o centenário *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Tendo sido fundado em 1891 o jornal abandonou sua versão impressa em 31 de agosto de 2010, passando a existir apenas na Internet.

⁸ DANTON, Robert. *A Historian of Books - Lost and Found in Cyberspace* in <http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm>. 1999, acessado em 20 de maio de 2010.

museus famosos pelo mundo, bibliotecas espetaculares, enfim, aqueles produtos tão caros no trabalho de feitura histórica e que procuramos ansiosamente quando iniciamos a maratona de escrita do passado. Mas pense também que não apenas você, um estudioso do passado, tem acesso a esses materiais de valor histórico.

Se estão ali, permanentemente, qualquer usuário que partilha com você a rede mundial de computadores pode ter acesso a eles, com um detalhe: para ele, tais produtos não carregam necessariamente tal valor de antiguidade, na verdade, esses conteúdos poderão mesmo ser uma novidade, posto que, no universo virtual a informação acessada, muitas vezes, parece transitar numa atemporalidade desconcertante que, em alguns casos, pode gerar uma nova e surpreendente demanda de sentido no presente.

Dessa maneira, o passado agora não está apenas disponível para ser lembrando, recontado, há também a possibilidade dele ser “revisto” “revivido” através das infinitas formas de registro disponibilizadas em nosso tempo, aqui quero estabelecer uma diferença fundamental entre ocorrência “revista” e ocorrência “rememorada”. Aprofundarei essa questão mais a frente a partir de algumas proposições realizadas por Paul Ricoeur. Para ilustrar essas dificuldades vou tentar demonstrá-la em termos numéricos a partir de um exemplo concreto.

O Youtube, maior site de compartilhamento de vídeo da Web, foi criado no ano de 2005, e no ano seguinte foi vendido ao Google, outro gigante do universo midiático. Em 2006 o site computava 100 milhões de acessos por dia, em 2012 esse acesso atingiu a surpreende cifra de quatro bilhões de acessos diários⁹. Segundo a empresa que o administra a cada minuto são carregados para o site 60 horas de vídeo. Para pensarmos esses números numa dimensão temporal, isso significa dizer que a cada hora, o equivalente a 150 dias são carregados para o site, ou 3600 dias, em um único dia!

A apresentação dos dados acima nos coloca diante de uma nova ordenação temporal e nos serve para compreendermos ainda a sensação de aceleração tão própria desse momento. Constatação, totalmente nova, posto que, submete a experiência humana a um tempo espetacularmente condensado e ao mesmo tempo impossível de ser apropriado por qualquer

⁹ Cf. ORESKOVIC, Alexei. **YouTube hits 4 billion daily video views** in Reuters no end. <http://www.reuters.com/article/2012/01/23/us-google-youtube-idUSTRE80MOTS20120123>. acessado em 21 de março de 2013.

vida humana, dessa forma, como se apresenta como “não experimentável” em termos práticos não conseguimos constituí-lo como arcabouço memorável seja para em repertório individual, seja como patrimônio coletivo de uma dada sociedade.

Nas últimas décadas, a internet foi responsável por uma mudança profunda em nossos hábitos, assim, como no modo como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos. No ano de 2000, pesquisa realizada pela Escola de Informação e Gerenciamento de Sistemas da Universidade da Califórnia-EUA, concluía seu relatório sobre a produção da informação no mundo com a seguinte constatação:

A produção total mundial de informação chega a cerca de 250 megabytes por pessoa para cada homem, mulher e criança no planeta. É claro que estamos nos afogando em um mar de informações. O desafio é aprender a nadar ao invés de afogar, nesse mar de informações. Melhor compreensão e melhores ferramentas são absolutamente necessárias para adquirirmos todas as vantagens do sempre crescente fornecimento de informação¹⁰.

Esta primeira pesquisa de abrangência mundial, realizada pela Universidade da Califórnia em 2000 constatou que naquele momento, o mundo produziu em 1999 entre um e dois exabytes¹¹ de informações novas, das quais os documentos impressos de todos os tipos representavam apenas 0,03%. Ainda segundo a pesquisa, a mídia magnética havia sido a mais utilizada como suporte e a que apresentava crescimento mais rápido: a capacidade de disco rígido embutido vinha se duplicado a cada ano, e a mídia óptica vinha-se tornando o suporte universal para armazenamento de informações¹². Estima-se que no ano de 2010 a cada 11 horas a informação tenha se duplicado, fazendo com que qualquer arquivo central de uma instituição crescesse em uma média de 25% ao ano.

Tais dados nos dão uma ideia da quantidade espantosa de informações que pode ser utilizada por qualquer pessoa com acesso à rede

¹⁰ University of Califórnia/School of information and Management system Apud TOMAZ, Kátia de Pádua. *A preservação de documentos digitais de caráter arquivísticos: novos desafios, velhos problemas*. Belo Horizonte: UFMG, tese de doutorado. 2004. 50.

¹¹ Um exabyte é um bilhão de gigabytes.

¹² TOMAZ, Idem.

mundial de computadores. Outro aspecto bastante interessante nesse processo não é apenas quantidade de informações, mas também, a possibilidade de qualquer usuário produzir seu próprio conteúdo e disponibilizá-lo na rede. Milhões de blogs e páginas pessoais são gerados diariamente resultando um conteúdo quase inesgotável de informações.

Parte dessas informações nunca mais deixará o universo virtual, outra desaparecerá sem sequer deixar vestígios, isso ocorre porque não existe na rede uma política de seleção ou armazenamento que diga o que deve permanecer ou desaparecer. Assim, nos dois casos, o principal problema que se coloca é o da memória, mais precisamente, a dificuldade de encontrarmos o equilíbrio sobre o que será definitivamente esquecido. Assim sendo, como compreender um passado que não passa e cuja presença se mistura de maneira tão imbricada com o presente? Vejamos o exemplo de uma matéria publicada pelo Jornal El País em 2011.

Intitulado "*Un nuevo desafío: el derecho al olvido*"¹³, a matéria tratava do caso da ginasta Marta Bobo, hoje com 45 anos, professora da *Facultad de Ciencias del Deporte de la Universidad de a Coruña*. Ex-atleta olímpica, Bobo em 1984 foi notícia exatamente no El País por, possivelmente, sofrer de anorexia, fato que estaria atrapalhando sua carreira naquele momento. Como uma matéria curta, vinculada há quase trinta anos, poderia influenciar ou prejudicar uma acadêmica reconhecida em seu meio?

Difícilmente essa notícia se tornaria relevante depois de sua primeira divulgação, a não ser pela curiosidade de alguém ou pelo acaso estimulado em alguma investigação sobre práticas esportivas, olimpíadas, etc. Tal informação poderia ser objeto de pesquisa realizada em qualquer das hemerotecas espanholas ou, quem sabe, de outro país que armazenasse o referido periódico em seus arquivos. Era provável que este fosse o caminho para a conhecermos, a não ser por um detalhe: a hemeroteca na qual a notícia em questão está armazenada, não se situa mais em um lugar físico, ou pelo menos, não somente nele.

Fundado em 1976, o jornal El País, a exemplo de outros jornais, caso da Folha de São Paulo no Brasil, disponibiliza todo o seu conteúdo na rede. Através dela, e de buscadores como o Google, a matéria sobre Marta Bobo, de 1984 pode ser facilmente localizada, bastando para isso que seu nome seja colocado como tema de busca. A ex-atleta

¹³ OLIVA, Milagros Perez *Un nuevo desafío: el derecho al olvido* in EL PAIS. No end. http://elpais.com/diario/2011/05/15/opinion/1305410404_850215.html, acessada em 5 de maio de 2012.

argumenta o inconveniente de hoje, na sua atual condição de acadêmica, que discute e trabalha exatamente a temática esportiva, ter continuamente seu nome associado a um assunto tão delicado para o meio que é o problema da anorexia. "Una vez leí una referencia a mi supuesta anorexia en Vogue. Pensé que se iría olvidando, pero ahora resulta que la noticia tiene de nuevo repercusión"¹⁴.

A produção de eventos realizada pelos meios de comunicação não é algo recente se considerarmos o papel da imprensa. Seu surgimento no século XVII, e sua posterior popularização no século XIX foram eventos significativos para a divulgação de ideias, pois, serviu para colocar em cena uma nova distribuição de conteúdos cujos elementos principais eram a regularidade e a noção de informação nova disponibilizada no espaço público. Tal elemento introduziu no cotidiano dessas sociedades, não somente uma novidade na difusão de informação, mas alterou significativamente noções de temporalidade e espacialidade.

Todavia, ao tomarmos a matéria do *El País* como exemplo, podemos perceber que estamos diante de um problema muito próprio do nosso tempo: a atualização permanente da notícia através de seu acesso irrestrito na internet, ou seja, deparamo-nos com uma espécie de passado sonâmbulo a vagar no presente através da rede. Talvez até possamos pensar em num novo desafio para o campo da comunicação e a reboque, para a história também: o de lidarmos com o passado que não passa; e, mais especificamente, com a novidade, sempre renovada, por mais estranho que essa assertiva possa parecer.

Exposta para todo leitor que acessa o jornal através do site de busca, aquela notícia, mesmo antiga, torna-se para ele, que nunca a havia lido, nova. Com seu retorno para cena pública, ou sua não saída dela, a matéria antiga gera uma nova demanda de sentido trazendo para o presente o peso de um passado que teima em não ser esquecido, ou em se tornar lembrança.

Na ocasião o jornal se defendeu afirmando que não podia simplesmente apagar de seus arquivos as notícias dadas, dessa forma, estaria infringindo o direito fundamental da informação e da transparência. Seu argumento então é de que o problema não está na notícia vinculada em 1984, mas sim, no fato de agora, ela está acessível a qualquer pessoa através da internet. Argumenta o *El País*: "nosotros no podemos modificar el

¹⁴ Idem.

contenido de la hemeroteca, porque sería falsear la historia", sostiene Gerardo Viada, responsable de los servicios jurídicos del diario"¹⁵. Assim o problema não estaria na hemeroteca virtual, mas nos buscadores que dariam acesso irrestrito a ela:

"El problema se ha creado con la aparición de buscadores. Son ellos los que dan acceso a unas informaciones que en nuestro caso solo son accesibles de forma directa para los suscriptores". Por eso, en los casos que afectan a los diarios, lo que se plantea no es suprimir la información publicada, sino impedir que sea visible a través de los buscadores de Internet. Y eso, técnicamente, pueden hacerlo tanto el medio como el buscador. Pero cada uno de ellos considera que es el otro quien debe resolver este problema"¹⁶.

Quais os efeitos desse presente contínuo para as gerações futuras? Como ensinar sobre o passado no tempo de uma hipertrofia do presente? O que a ex-atleta, hoje professora, reclama é elementar para qualquer indivíduo: o direito ao esquecimento, ou pelo menos, a escolha sobre o que deve ser lembrado, principalmente, quando este passado representa de alguma maneira situação traumática e, pessoalmente, conflituosa. O esquecer que ajuda a selecionar e compreender o que deve permanecer e que aprofunda nossa existência numa dimensão temporal da duração, tornando assim, o passado, não uma eterna presença, mas uma experiência reflexiva do viver, pois, se tudo está permanentemente disponível num eterno presente, corremos o risco de caminharmos para uma espécie de neurose coletiva na qual Internet pode representar o desejo de eternidade ilusoriamente realizado. Em 2010 a mesma preocupação foi objeto de reflexão pelo jornalista do New York Times, Jeffrey Rosen.

Em texto intitulado, *The Web Means the End of Forgetting*¹⁷, o jornalista aborda o que chama de o “fim do esquecimento” proporcionado pela Internet. Seu foco aborda outra face desse processo: a dificuldade de lidarmos com o fim da privacidade ocasionado pela exposição de informações individuais na rede mundial de computadores, assim, Rosen destaca que:

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Rosen, Jeffrey. *The Web Means the End of Forgetting* in *The New York Times Magazine*, 21 de July de 2010. no end. http://www.nytimes.com/2010/07/25/magazine/25privacy-t2.html?pagewanted=all&_r=0 acessado em 17/03/2013.

We've known for years that the Web allows for unprecedented voyeurism, exhibitionism and inadvertent indiscretion, but we are only beginning to understand the costs of an age in which so much of what we say, and of what others say about us, goes into our permanent — and public — digital files. The fact that the Internet never seems to forget is threatening, at an almost existential level, our ability to control our identities; to preserve the option of reinventing ourselves and starting anew; to overcome our checkered pasts.¹⁸

[Sabemos, há anos, que a Web permite voyeurismo, exibicionismo e indiscrição involuntária sem precedentes, mas estamos apenas começando a entender os custos de uma época em que muito do que se diz e do que os outros dizem sobre nós, vai parar em arquivos públicos digitais permanentes. O fato de que a Internet parece nunca esquecer, em um nível quase existencial, é ameaçador à nossa capacidade de controlar nossas identidades para preservar a opção de nos reinventarmos e começar novamente; nosso passado está colocado em xeque].

Ao narrar o caso da professora Stacy Snyder, que vê sua vida profissional prejudicada¹⁹ após seu supervisor ter tido acesso a suas fotos pessoais publicadas em seu site de relacionamento. Além de problematizar a possibilidade de acesso quase irrestrito a dados pessoais na Rede, assim como a matéria do *El País*, o texto de Rosen coloca em cena o dilema de uma memória exposta incessantemente através de rastros individuais e coletivos disponíveis na Internet alertando para os riscos de uma vida cujo passado pode ser constantemente revistado.

The problem she faced is only one example of a challenge that, in big and small ways, is confronting

¹⁸ Idem.

¹⁹ Snyder foi impedida de obter o grau de docência para educação básica em virtude de uma foto postada em seus Myspace na qual aparecia com um corpo de bebida, fantasiada de pirata com a legenda “pirata bêbada”.

millions of people around the globe: how best to live our lives in a world where the Internet records everything and forgets nothing — where every online photo, status update, tweeter post and blog entry by and about us can be stored forever²⁰.

[O problema que ela enfrentou é apenas um exemplo de um desafio que, de uma forma ou de outra, está confrontando milhões de pessoas em todo o mundo: o desafio de viver a nossa vida em um mundo onde a Internet registra tudo e nada pode ser esquecido - em que a foto online e todos os status de atualização, tweeter postagens em blog sobre nós podem ser armazenados para sempre].

O presente, antes lugar das projeções e prognósticos – o que não deixou de ser totalmente – manifesta-se agora também como o tempo que constantemente que reedita esse passado. Momento recheado de visões de um tempo que não pode ser eliminado diante do peso de seus rastros, “um perseguidor que escraviza ou liberta”²¹. Tais elementos nos levam a pensar sobre a própria condição patológica dessas memórias, individuais e coletivas, armazenadas nesses veículos. Sobre esse aspecto Paul Ricoeur²², ao analisar dois ensaios de Freud, “Rememoração, repetição, perlaboração” de 1914, e “Luto e Melancolia” de 1915, pode trazer alguns elementos para nos ajudar a pensar sobre essas questões. As reflexões acerca dos estudos de Freud por Ricoeur se inserem numa problemática, discutida por este último, sobre os usos e abusos da memória, segundo ele, elemento fulcral na compreensão das sociedades contemporâneas. Desta forma, Ricoeur estimula a necessidade de compreendermos os percursos de uma “memória impedida até a memória obrigada, passando pela memória manipulada”²³.

O autor toma esses dois ensaios freudianos para discutir o que ele denomina de “memória impedida” num nível patológico terapêutico. Seu objetivo é problematizar como o trabalho da memória se efetiva na passagem da repetição de um evento traumático para um estágio de

²⁰ Ibidem.

²¹ SARLO, Beatriz. Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte, UFMG/Cia das Letras.2005, 12.

²² RICOEUR, Paul. RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007, 83-99.

²³ Idem, 83.

rememoração, ou seja, a transmutação de uma compulsão repetitiva do passado, o que tende a gerar a melancolia, para sua metamorfose em lembrança feliz.

Para que isso ocorra é necessário um “trabalho” de interpretação e reflexão sobre esse passado, um tempo de espera, de elaboração de sentidos que proporcionaria a passagem de uma compulsão repetitiva, para um processo de rememoração apaziguada. Este trabalho de interpretação seria o elemento capaz de estabelecer a diferença entre “reviver” o passado e projetá-lo como recordação. Para isso ocorrer, seria necessário um tempo, tanto para compreensão do evento, como para sua superação; estágio alcançado pelo luto, aqui compreendido como o tempo da reflexão, da espera e significação dos eventos passados. Diz Ricoeur sobre esse aspecto a partir de Freud: “o tempo do luto não deixa de ter relação com a paciência que a análise demandava a respeito da passagem da repetição à lembrança. A lembrança não se refere apenas ao tempo: ela também requer tempo”²⁴.

Embora as reflexões de Freud se direcionem ao sujeito, assim como Ricoeur, acredito que elas ultrapassam a própria cena da psicanálise e podem nos servir para problematizarmos uma espécie de fenomenologia da memória no universo virtual. Deste modo, tanto os conceitos de memória impedida como memória-repetição tratados por Ricoeur, podem nos ser úteis para compreendermos parte dos problemas advindos pelo acúmulo de informações e conseqüentemente de memória, ou:

Mais precisamente, o que, na experiência histórica surge como um paradoxo, a saber, excesso de memória aqui, insuficiência de memória ali, se deixa reinterpretar dentro de categorias da resistência, da compulsão da repetição e, finalmente, encontra-se submetido à prova do difícil trabalho de rememoração²⁵.

Deste modo, ao enfrentarmos a problemática das constantes reinscrições do passado no universo virtual, nos deparamos com memória acionada de forma abusiva e caracterizada pelo excesso e, conseqüentemente, pela incapacidade seletiva; para usar um conceito de Ricoeur, “memória-repetição” que resiste à crítica da interpretação e não

²⁴ Idem, 87.

²⁵ Idem, 92.

consegue se converter em experiência passada. De certa maneira podemos falar de uma memória “enferma”²⁶ bombardeada pelo excesso. Nesse caso, a internet atua não só na elaboração, mas na significação de sentidos dispersos e fragmentados através do acúmulo de rastros sempre acessíveis. Memória melancolia, posto que, aprisionada na repetição. Para exemplificar, vejamos outro no El País, do dia 22 de março de 2009 na matéria *Condenados a permanecer en la Red*:

Si entra en Google con mi nombre verá como punto dos una noticia acerca de mí, de hace veinte años, nada agradable, que no quiero dejar a mis nietos. Máxime cuando es francamente obsoleta. (...) Le ruego tenga a bien ordenar su retiro". La carta llega desde Buenos Aires y está firmada por un profesor de Farmacología Efectivamente, al introducir su nombre en el buscador, aparece como primera referencia un listado de Dialnet con los 11 libros de los que es autor, y como segunda entrada, una noticia publicada en EL PAÍS en 1988 sobre su ingreso en prisión por un asunto relacionado con ETA.²⁷

O acesso permanente à matéria evidencia o contato com a notícia não como lembrança, mas como ação repetida do passado o que metaforicamente, impossibilitaria a efetivação de um tempo de “luto”. A ideia de luto é tomada aqui, não apenas como tempo de significação de um evento traumático para o sujeito, mas como tempo de espera, ou de perlaboração necessária para que a lembrança possa se converter em passado significado. Na impossibilidade desse tempo de espera, ou de reflexão crítica, as lembranças se perdem num constante retorno à cena pública, com isso, perde-se também a função seletiva que devemos exercer sobre tais ocorrências.

Este momento nos trouxe uma sedução monumental sem precedentes, uma espécie de “memo-história”, denominação estranha, mas que, na falta de algo melhor, parece ser uma definição possível para compreendermos o movimento de uma produção de conteúdos autofágica, em que a história devora a memória e a memória devora história, um paradoxo que tem se revertido em numa armadilha para o esquecimento.

²⁶ Ibid

²⁷ OLIVA, Milagros Perez. *Condenados a permanecer en la Red* in El País, no end. http://elpais.com/diario/2009/03/22/opinion/1237676405_850215.html acessado em 3 de julho de 20 de março de 2013.

Considerações finais: O difícil desafio de esquecer para lembrar

“A metáfora do *apagar* ou do deletar acompanha a reflexão sobre o esquecimento desde a antiguidade até a era dos utensílios modernos para escrever e calcular da elaboração eletrônica de dados. Assim a tecla deletar tornou-se uma das mais importantes do computador”²⁸

Durante muitos séculos a maior tarefa para aqueles que queriam falar sobre o passado era se debater com a escassez de seus registros e, embora boa parte dos diversos grupos humanos tenha tido a preocupação de preservar algo sobre sua própria história, naquilo que Jacques Le Goff identificou como sendo uma intenção de monumentalização, a seleção sobre o que deveria permanecer até a era da superinformações foi bastante limitada. Nesses termos, chamava atenção Le Goff em seu artigo *Documento/Monumento* publicado em 1977, “o que sobrevive não é conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo (...) quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”²⁹.

Mais de três décadas depois da publicação desse artigo, é possível que nem Le Goff ou qualquer outro intelectual naquele momento pudesse estimar o profundo processo de transformação operado pela expansão da informação com o qual nos deparamos. De lá, para cá, os procedimentos de produção, seleção e reflexão de registros do passado se modificaram drasticamente. Um movimento que transformou significativamente dois aspectos destacados em seu texto: primeiro, as formas de seleção para os materiais a se tornarem “monumento/documento” em uma dada sociedade, segundo, o papel do historiador nesse processo.

No tempo em que os objetos midiáticos tornaram-se elementos constitutivos das ações humana mais corriqueiras, vivemos o dilema da memória: se por um lado atingimos uma capacidade de registro jamais

²⁸ WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p 23.

²⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, São Paulo/Campinas: Editora Unicamp. 2010, p. 525.

imaginada, por outro, parecemos ter perdido o discernimento necessário sobre o que deve ser selecionado no presente para o futuro, ou seja, preparar nosso passado para as próximas gerações.

Tal constatação reedita um questionamento que por séculos mobilizou pensadores de várias áreas: é possível construirmos uma “arte do esquecimento” capaz de dar conta da preservação do passado e, que ao mesmo tempo, seja capaz de atuar de maneira positiva na construção de identidades tanto coletivas, como individuais?

Falar sobre uma “arte do esquecimento” não é algo totalmente estranho às sociedades modernas. Harald Weinrich³⁰ procurou produzir uma arqueologia a esse respeito ao demonstrar, através da literatura, como o esquecimento sempre foi o outro presente nos discursos da memória. Em outra linha Paul Ricoeur reflete sobre as formas de abuso de memória e de esquecimento em situações distintas evidenciando como esses processos podem ser objeto de manipulação tanto de governos, grupos políticos, ou mesmo de sujeitos. Nesse trabalho de “manipulação da memória” o autor delega à narrativa função capital, seja na produção de lembrança ou de esquecimento. Chama atenção Ricoeur:

“Por que os abusos da memória são, de saída, abusos do esquecimento? Nossa explicação, então foi: por causa da função mediadora da narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”³¹.

Ao pensarmos sobre tais elementos, pudemos perceber que o esquecimento tem avançado mais velozmente do que nossa capacidade de recordação, fato que ocorre em parte porque progressivamente estamos delegando aos meios de comunicação, responsabilidade de perpetuar um patrimônio memorial, cognitivo e cultural que antes cabia aos grupos humanos organizar. A própria função da narrativa, de realizar aquilo que Ricoeur chamou de “síntese de heterogêneos” se vê fragilizada frente à espantosa produção de conteúdos. Assim, podemos nos perguntar: falamos em fim da memória, ou fim do esquecimento?

³⁰ WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

³¹ RICOEUR, Paul. Op. Cit. p.455.

A produção de rastros advindos da Internet atua não só na elaboração, mas na significação de novos sentidos para o presente e, conseqüentemente, para o próprio futuro. Os problemas evidenciados hoje são direcionados às gerações futuras e os usos que farão de seus artefatos históricos na produção de memória e esquecimento, posto que, a profusão documental, a dispersão de vozes a falarem sobre o passado, o aumento da atuação da testemunha e, principalmente, a interferência dos meios de comunicação na produção de eventos colocaram desafios bastante eloquentes à constituição de referenciais duradouros para a própria preservação do passado como experiência humana.

A engenharia complexa e difusa desse circuito cultural pressiona o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas, pois, cada vez mais, tecnologias são jogadas no mercado, articulando uma rede de interdependência entre informação, educação e consumo. Assim, talvez possamos compreender que é pela possibilidade de reflexão sobre nosso passado que nossas experiências poderão servir ao futuro e, se a nossa velha roupa não nos veste mais, somos chamados à construção de uma nova tessitura para as demandas deste tempo.

Tais elementos remetem a lembrança de um velho historiador, morto em plena segunda guerra, cujos últimos pensamentos foram destinados à história. Para que serve a história? Lembrando o questionamento do filho ainda criança, foi a pergunta que animou Marc Bloch³² em seus últimos dias. Talvez tenha sido também a mesma que se fez, quando, muito tempo antes, revolucionara o fazer histórico com a Escola dos Annales.

Na cela fria, como prisioneiro de guerra, devia fazê-la novamente a si, não mais numa projeção acadêmica. Ali, o historiador é o sujeito no limite, imerso no caudaloso rio no qual, de fato, navegamos todos nós historiadores: o paradoxo de quem vive seu próprio tempo mas que, simultaneamente, tenta refletir os tempos de outros – o sujeito entre a história e a história.

É redundante dizer que nós historiadores de ofício acostumamos a falar para nós mesmos, como que para por a prova a eficácia de nossas proposições teóricas e metodológicas e boa parte se contentou em fazer valer a força do campo. Parafraseando Certeau, para muitos, o discurso

³² BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

histórico assumiu a cor de parede ‘neutra’. Transformou-se numa maneira de defender *lugares* ao invés de ser o enunciado de ‘*causas*’ capazes de articular um desejo³³. É desnecessário repetirmos a comprovação de que cada tempo constrói sua própria historiografia, contudo, essa confortável constatação não nos deve eximir de enfrentarmos, assim como Bloch, as vitórias, derrotas, frustrações e problemas de nosso próprio tempo.

Nesse breve ensaio procurei discutir alguns problemas com os quais nos deparamos ao pensarmos sobre a memória o esquecimento em nossos dias, especialmente em uma produção que está fora dos domínios dos historiadores. Durante muitos séculos, a história serviu para ensinar às gerações futuras com os erros do passado. *Magistra Vitae*, História mãe, a qual todos recorriam para explicar o presente. Com as grandes revoluções da modernidade a história saiu do ciclo dos acontecimentos que se repetiam, pois traziam lições, para cair no rio do processo histórico. História como grande teatro do mundo, chama-nos atenção Agnes Helles³⁴. Era para ela que os revolucionários derrubaram a Bastilha.

O século XX trouxe a para a história a melancolia e a desesperança. Com as grandes guerras e massacres no “breve século”³⁵, a história parecia nada poder dizer, posto que, a constatação mais otimista era a de que nada fora aprendido e se vivíamos um processo de aperfeiçoamento no teatro da vida, ele havia chegado ao fim com a crise das grandes utopias.

Tantas foram as respostas, quanto foram as mudanças da história, todavia, ao repararmos atentamente essas transformações, silêncios, e ausências veremos que é exatamente aí que talvez resida o caminho para sua compreensão desse momento: os sentidos da história mudam, porque sua função talvez seja exatamente construir sentidos para cada tempo. É o que cada geração tenta emprestar ao futuro, associado àquilo que toma do passado misturado com anseios, necessidades e desejos postos em cada presente.

Artigo enviado em julho de 2013; aprovado em novembro de 2013.

³³ CERTEAU, Michel, Op. Cit. p. 76.

³⁴ HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

³⁵ Expressão utilizada por Hobsbawm ao se referir ao século XX, Eric. In HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.